**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG**

**DIRETORIA DE PESQUISA**

**DIVISÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**DIVISÃO DE INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO**

**PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM NÍVEL MÉDIO - 2023-2024**

**DE ESPAÇOS DE TORTURA A ESPAÇOS DE MEMÓRIA: CENTROS DE TORTURA NAS DITADURAS DO BRASIL E ARGENTINA, MUSEUS E SETOR EDUCATIVO**

Maxwel Moreira Matoso - PIBIC, Fundação Araucária[[1]](#footnote-1)

Katiucya Perigo

Unespar/*Curitiba I*

**INTRODUÇÃO**

Após a onda de conservadorismo e extremismo de direita, que se instaurou no Brasil no governo de 2018-2022, e a ampla notoriedade à discursos de ódio e defesa do retorno da ditadura militar, objetivou-se com esta pesquisa, trazer à tona o debate sobre os horrores vividos em Ditaduras Militares, no intuito de relembrar a sociedade e evitar que este mal regresse.

Para tanto, o estudo tem como base dois lugares que serviram como locais de tortura e opressão e que atualmente foram transformados em centros de memória e apresentam exposições abertas ao público com ênfase nas memórias das ditaduras. Também foram realizados levantamentos bibliográficos e analisadas as ditaduras militares de Brasil e Argentina, respectivamente 1964 a 1985 e 1976 a 1983, enfocando também os espaços físicos: o prédio da ESMA (Escola Mecânica da Armada em Buenos Aires) e o antigo prédio do DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social) em São Paulo, que foram usados para tortura, e transformados em Museus.

Buscamos comparar os espaços, levando sempre em consideração os vieses: cultural, museológico e educacional aplicados sobre esses espaços, que antigamente eram espaços de tortura e desumanidades, e hoje são espaços de preservação da memória, tanto das vítimas, quanto de toda a sociedade. Para debater este tema, trouxemos também um apanhado sobre qual tipo de educação é exercida pelos setores educativos dos dois museus.

Não comparamos apenas os edifícios, mas sim o ponto de vista museológico usado para a escrita desse projeto. Dentro dela, museologia, vai para além de museu e exposições (VALENTE, 2009), existem subdivisões, como comunicação, preservação e o educativo, sendo este último de grande importância por suas ações nas atividades dos espaços que veremos a seguir.

No presente artigo, inicialmente iremos apresentar de modo breve aspectos gerais das ditaduras Brasil e Argentina bem como os espaços ESMA Escola Mecânica da Armada em Buenos Aires e o antigo prédio do DEOPS em São Paulo. Em seguida falaremos da educação museal (não-formal) e suas premissas principais. Finalmente apresentaremos duas ações educativas, uma correspondente a cada espaço.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foram utilizadas fontes bibliográficas, em sua esmagadora maioria, latino-americanas. Buscamos concentrar o embasamento teórico em autores sul-americanos, visto que os espaços são do Brasil e Argentina. O principal autor foi Eduardo Galeano, um clássico.

Também realizamos reuniões para orientação, onde debatemos as fontes pesquisadas. Em nossa busca de referências para esse estudo comparativo, encontramos principalmente: Sites de instituições Espacio Memoria (Argentina) e Memorial da Resistência (Brasil); Usamos de análise de materiais tais como o Relatório da Comissão Especial de Desaparecidos Políticos; Leituras de textos acadêmicos e livros, e, por fim a confecção do artigo.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

**Em busca de ~~norte~~ sul metodológico**

Ao ler a tese de Eduardo Santos Moura, sobre “des/obediência e de/colonialidade” (2018), me vi obrigado a reler As Veias Abertas da América Latina, de Galeano. Ambas as obras têm o mesmo viés ao falar sobre e para uma América Latina, e indo mais além, nessa pesquisa me debrucei sobre a América do Sul. Logo, eu não poderia partir de um ponto de vista europeu ou estadunidense, assim, resolvi partir ao Sul, como rumo a se seguir, inspirado por esses dois autores Latino-Americanos.

Logo no início de seu escrito, Santos Moura nos traz o pensamento de Darcy Ribeiro, ao citar “América Latina: pátria grande” (1986), onde Darcy traz a provocação “*A América Latina existe?*”, e do mesmo modo que nosso autor eu encontro a justificativa para um olhar nosso, ou seja, latino-americano. “O autor destaca, logo no início da obra, que não há dúvida de que, sim, existe uma América Latina! E prossegue complementando: “mas é sempre bom aprofundar o significado dessa existência” (RIBEIRO, 1986, p. 11 in MOURA, 2018)”.

Dando sequência a leitura da obra, continuo me inspirando. Moura levanta uma questão que enlaça, ao escrever:

Interessa fazer coro às vozes que querem ecoar rumo à decolonialidade do saber, do ser e do poder na América Latina; pela possibilidade de (re)pensar criticamente, nesse contexto, a imagem, de que trata Quijano (2005), distorcida pelo espelho do colonizador o qual, desde o renascimento europeu, converteu-se em verdade uni-versal e contribuiu com as abjeções, as negações, as violações, os encobrimentos e os apagamentos epistemicidas das artes e das culturas latino-americanas na Arte/Educação, impossibilitando vislumbrar os reflexos das imagens do que, realmente, é representativo desse território. (MOURA, 2018, p. 21/22)

 Esse modo de pensar, e questionar em alta voz até fazer “coro às vozes que querem ecoar rumo à decolonialidade do saber”, me fez vibrar. O raciocínio de Santos Moura vem de encontro a temática de minha pesquisa, afinal, ao falar de espaços de memória na América Latina, que outrora foram espaços de tortura em período de ditaduras apoiadas (e articuladas) pela colonização estadunidense durante guerra fria, é uma pesquisa que também brada e quer entrar nesse coro, e principalmente quer bradar no mesmo idioma falado no coração de nós sul-americanos.

 Em paralelo com esse raciocínio, paralelo quase intrínseco, Eduardo Galeano inicia sua obra As Veias Abertas da América Latina, com uma epígrafe retirada da Proclamação da Junta Tuitiva na cidade de La Paz em 1809 “...temos guardado um silêncio bastante parecido com a estupidez…” (1986).

Na sequência Galeano afirma que a América, chamamos de Latina, logo cedo (na colonização) “especializou-se em perder”… “desde que os europeus fincaram os dentes na garganta”. Durante os períodos ditatoriais abordados nesta pesquisa, também tivemos perdas, e não só materiais.

Segundo o livro-relatório da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP) da Secretaria Especial dos Direitos Humanos do governo federal publicado em 2007, em 11 anos de trabalho, passaram pela CEMDP processos referentes a 475 casos de vítimas da ditadura brasileira, dentre esses nomes temos Divo Fernandes de Oliveira. Filiado ao Partido comunista, logo depois do golpe de 1964, Divo foi preso, aos 69 anos de idade, e levado para o presídio Lemos Brito (RJ). Sua esposa, Nayde Medeiros, professora em Criciúma (SC), chegou a visitá-lo uma vez. Ao retornar ao Rio para nova visita, descobriu que seu marido havia desaparecido. Recebeu informações desencontradas dos funcionários do presídio. A filha de Divo, Alba Valéria, começou a procurar o pai depois de adulta. Em 1989, esteve no Rio de Janeiro visitando várias repartições públicas e presídios. Alba encontrou alguns documentos pessoais e nada mais. O corpo dele nunca foi encontrado (SOBRE MORTOS, 2007, p. 71).

Este é apenas um exemplo de tantas vítimas da ditadura, há também, outros militantes e intelectuais que foram exilados por serem contra o governo ditatorial. Nos anos 1970, havia um núcleo comunista ligado ao lendário líder Luis Carlos Prestes em Moscou, que recebeu exilados. Paris, foi o destino de maior parte da esquerda armada no exílio, conforme Maud Chirio (2006, p.78) o número de exilados políticos brasileiros em Paris oscilou entre 1.000 e 2.000 pessoas, entre 1964 e 1979, entre esses exilados estava Leonel Brizola.

**Ditaduras e espaços de memória**

**Ditadura militar argentina e espaço de Memória**

A Argentina, desde a década de 1930, passou por vários movimentos de viés golpista militar. O mais sangrento aconteceu em 1976. Na madrugada de 24 de março de 1976, iniciou-se um período sombrio da história recente argentina, um golpe militar foi iniciado, derrubando a então presidente María Estela Martínez de Perón, também conhecida como Isabelita Perón, viúva do líder populista Juan Domingo Perón. (PRIORI, 2006, p. 7)

A ditadura iniciada em 1976 durou até 1983 e se autodenominava “Processo de Reorganização Nacional”, uma Junta Militar, composta pelos três núcleos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), que assumiu o poder, destituiu a presidente e indicou o general Jorge Rafael Videla para presidir o país. Nesta pesquisa, trataremos deste recorte temporal.

Nessa última ditadura militar, uma junta formada por uma aliança entre oficiais do exército, da marinha e da aeronáutica, governava o país. Mesmo que o governo fosse constituído por uma aliança, havia apenas um Chefe de Estado. Esse período ficou conhecido como “Guerra Suja” (NUNCA MÁS, 1984), período de terrorismo estatal e forte repreensão contra os “subversivos” como por exemplo estudantes, partidários peronistas, pessoas de partidos de esquerda em geral e quaisquer pessoas que se opusesse ao regime ditatorial.

Segundo o regime, os terroristas eram aqueles que tinham ligações comunistas ou não e que colocavam sob ameaça “os valores ocidentais”, isto é, o sistema econômico, a moral, a religião, etc. Como relata Navaro e Palermo:

Os chefes golpistas expressaram bastante claramente do que se tratava (o golpe), numa ata de objetivos: … vigência dos valores da moral cristã, da tradição nacional e da dignidade do ser argentino; vigência da segurança nacional, erradicando a subversão e as causas que favorecem sua existência; inserção internacional no mundo ocidental e cristão. (La Nación 25/03/1976 in Navaro, 2007)

Como ocorreu em geral nas Ditaduras latino-americanas na segunda metade do século XX, os golpistas se valeram de moral e “bons costumes", para instaurar um governo que se mostrou espúrio, clandestino e nefasto. Calveiro (2013), afirma que o aparato repressivo do governo ditatorial operava, juntamente com a polícia, diversos dos 340 centros de detenções que existiram no período.

Estima-se que 30.000 pessoas foram perseguidas, sequestradas, e assassinadas nestes espaços (Taylor & Francis, 2013), as mortes ocorriam por tortura, fuzilamento ou até mesmo jogando pessoas ainda vivas de aviões; os corpos eram enterrados em vala comuns como indigentes (NUNCA MÁS, 2015).

**Espaço de tortura, vira espaço de memória: Argentina**

A ESMA, Escola de Mecânica da Armada foi um dos mais importantes centros de detenção, tortura e extermínio implementados pela última ditadura civil-militar na Argentina entre 1976 e 1983. Hoje é um espaço aberto à comunidade, que procura preservar a memória e promover e defender os direitos humanos. Está localizado no bairro de Núñez, na parte norte da cidade de Buenos Aires (HOFFMAN, 2009, p. 142).

A existência material e espacial da ESMA é uma denúncia viva e prova dos crimes de terrorismo de estado. Hoje rebatizado de Espaço da Memória e convertido em museus, pretende contribuir para a compreensão de como o terrorismo estatal foi planejado e executado na Argentina e as suas consequências no presente, para contribuir para a consolidação de uma cultura democrática e um pleno exercício dos direitos humanos (DIAS, MICHELON, 2019, p. 97).

Desde 24 de Março de 2004, aniversário do golpe militar, foi constituído como um espaço de Memória e Direitos Humanos, onde se preservam as marcas e os vestígios da passagem através deste campo de concentração de pessoas detidas e desaparecidas, continuar com os estudos que possam permitir o acesso a novas provas judiciais e como fonte documental para a reconstrução histórica dos eventos.

Mas antes de ser centro de tortura e museu, o edifício surge em 1928 como instalação para aprendizes de carreiras aeronáutica e mecânica naval. Inaugurado durante a presidência de Marcelo Torcuato de Alvear, contava com pavilhões habitacionais, salas de aula, etc (ESPACIO-MEMORIA, 2023).

Com o golpe de estado em 1976, a ESMA operou um dos maiores centros de detenção, tortura e extermínio clandestinos da ditadura. Sem perder o seu funcionamento como escola, era uma ligação fundamental no plano sistemático de rapto (inclusive de crianças), tortura e roubo de propriedades. A partir do edifício e com o apoio e cobertura do resto das instalações, uma Força-Tarefa executou uma ação terrorista que cumpriu um papel decisivo no desmantelamento de organizações populares através do rapto e o desaparecimento forçado de cerca de 5000 pessoas. Uma das peculiaridades deste centro foi a operação de uma maternidade clandestina, onde pelo menos 34 bebés nasceram de detidos desaparecidos (ESPACIO-MEMORIA, 2023).

Com o fim da ditadura, recuperação da democracia e o julgamento das juntas militares que governaram o país, o movimento dos direitos humanos teve de lutar contra as políticas de impunidade. No caso do prédio da antiga ESMA, foi feita uma tentativa em 1998 de construir um monumento para a reconciliação nacional. Esta ação foi evitada por uma injunção judicial apresentada por Laura Bonaparte e Graciela Lois, ambos parentes dos desaparecidos (DIAS, 2019, p. 98).

De acordo com a própria instituição, “a justiça federal então entendeu a ESMA como um testemunho da verdade e da prova judicial do passado horrível e vergonhoso do nosso país" (ESPACIO-MEMORIA, 2024). Esta perspectiva foi consolidada com o acordo assinado em 2004 entre os governos da Nação e a cidade de Buenos Aires para a criação deste espaço museológico, o Espacio Memoria y Derechos Humanos (DIAS, 2019, p. 98).

**Imagem 1 – Fachada do Espacio-Memoria (ex-ESMA)**



 Fonte: Imagem dos autores

**Ditadura Brasileira e espaço de memória**

No dia 31 de março de 1964, foi iniciado movimento golpista no Brasil, tanques do exército foram enviados ao Rio de Janeiro, onde estava o presidente João Goulart (1919-1976), herdeiro político de Getúlio Vargas (1882-1954). Três dias depois, João Goulart partiu para o exílio no Uruguai e uma junta militar assumiu o poder do Brasil. No dia 15 de abril, o general Castello Branco tomou posse, tornando-se o primeiro de cinco militares a governar o país durante o período da ditadura militar no Brasil, que durou até 1985.

O golpe, deflagrado pelos militares, foi saudado por importantes setores civis da sociedade. Grande parte do empresariado, da imprensa, dos proprietários rurais, da Igreja Católica, vários governadores de Estados importantes e também amplos setores de classe média pediram e estimularam a intervenção militar, como modo de pôr fim à suposta ameaça de esquerdização do governo e de se controlar a crise econômica. O golpe também foi recebido com alívio pelo governo dos Estados Unidos, que não via com bons olhos a aproximação de Goulart com as esquerdas (GUIMARÃES, 2015, p. 07).

Como podemos notar em breve averiguação, as ditaduras militares da América Latina (Chile, Argentina, Brasil etc), tem o mesmo viés de “proteger a moral” e livrar o país do comunismo. Guimarães relata:

A partir da administração de John Kennedy, as agências de segurança norte-americanas intensificaram os programas de ajuda e treinamento às forças militares e policiais da América Latina com a finalidade de torná-las mais aptas ao enfrentamento do comunismo. Além de técnicas de vigilância, de obtenção de informações e de repressão aos grupos revolucionários, tais treinamentos visavam também tornar as forças da ordem “construtoras de nações”, envolvendo polícias e Forças Armadas em atividades que visavam colaborar com o desenvolvimento nacional e de assistir a população civil. (2015).

No Brasil, após assumirem o poder, os militares criaram a censura prévia. O AI-5 significou, para muitos, um “golpe dentro do golpe”, um endurecimento do regime que estabeleceu leis especiais para o exercício do poder fora dos marcos do Estado de direito. Entre 1969 e os primeiros anos da década de 1970, o país viveu um período que ficou conhecido como “os anos de chumbo”. A ditadura havia silenciado o movimento sindical, os partidos e movimentos de oposição, estudantes, intelectuais e artistas.

Um dos casos mais gritantes da violência e terrorismo estatal ocorreu em 25 de outubro de 1975, quando o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado sob torturas no DOI-CODI de São Paulo, valendo o episódio como gota d’água para que aflorasse um forte repúdio da opinião pública, na imprensa e na sociedade civil como um todo, contra a repetição de encenações aviltantes (suicídio) para tentar encobrir a verdadeira rotina dos porões do regime (SILVA, 2016).

**Espaço de tortura, vira espaço de memória: Brasil**

O Memorial da Resistência de São Paulo é o maior museu de história dedicado à memória política das resistências e da luta pela democracia no Brasil, e tem como missão a valorização da cidadania, da pesquisa e da educação a partir de uma perspectiva plural e diversa sobre o passado, o presente e o futuro.

Aberto ao público em 2009, o museu é um lugar de memória dedicado a preservar a história do prédio onde operou entre 1940 e 1983 o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops/SP), uma das polícias políticas mais truculentas da história do país (MEMORIAL, 2023).

Entre 1914 e 1938, o prédio, projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo, abrigou os escritórios e armazéns da Companhia Estrada de Ferro Sorocabana. Após reformas, sediou delegacias vinculadas ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops-SP), entre 1940 e 1983 (NEVES, 2011).

Com a extinção do Deops-SP foi ocupado pela Delegacia de Defesa do Consumidor (Decon). Em 1997, a gestão foi transferida da Secretaria de Justiça para a Secretaria da Cultura e, em 1999, o edifício foi tombado como bem cultural pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (Condephaat). Após 3 anos de restauração, foi inaugurado em 2002 o Memorial da Liberdade que apresentou ao público as antigas celas do Deops-SP. Em 2004, a APAC assumiu a gestão do prédio e instalou a Estação Pinacoteca, com exposições, a Biblioteca Walter Wey, o Centro de Documentação e Memória, e o Auditório Vitae (MEMORIAL, 2023).

A partir de 2006 o Fórum Permanente de ex-Presos e Perseguidos Políticos do Estado de São Paulo se mobilizou e propôs ao poder público a mudança do nome, uma vez que “Liberdade” não era um adequado para um lugar em que tantas pessoas sofreram e morreram.

Em 1º de maio de 2008, começou um novo projeto para o espaço e, em 24 de janeiro de 2009, o Memorial da Resistência é relançado ratificando seu compromisso com a ampla compreensão da memória e da história política do Brasil (ARAÚJO, 2010).

**Imagem 2 – Fachada do Memorial da Resistência (SP)**



 Fonte: Imagem dos autores

**Educação presente nos museus: Educação museal é formal?**

Esta pesquisa, nasceu e foi desenvolvida sobre a égide de uma professora e um aluno orientando, ambos vinculados ao curso de graduação em museologia, fato este, que levou a uma análise específica sobre os museus estudados e consequentemente, à uma visão museológica sobra a educação e os educativos dos respectivos espaços. A partir desde ponto de vista, levantamos a questão sobre a educação nos museus.

 O debate sobre educação formal e não-formal, é extenso e diverso, mas independentemente do ponto de vista acerca do tema, uma verdade é inegável, a importância da educação, e principalmente em espaços museológicos. De acordo com Andréa F. Costa:

O papel da educação é de inquestionável relevância para o enfrentamento dos desafios gerados pela globalização e pelo avanço tecnológico. A função educativa, que há muito transpôs os muros da escola, vem sendo desenvolvida por múltiplos e heterogêneos canais, dentre os quais encontra-se o museu, espaço privilegiado dentro do campo da educação não formal. Os museus são entendidos como importantes fontes de aprendizagem e de contribuição para a ampliação do nível cultural da sociedade, com a vantagem de inserir tanto aqueles que estão na escola, como os que não tiveram essa oportunidade e os que já não fazem mais parte dela. (COSTA, 2009 p. 56).

Tendo como base o pensamento de Costa, podemos notar a considerável ferramenta que é a educação não-formal, quando colocada lado a lado com a educação escolar (formal). Indo mais além na diferenciação, podemos recorrer ao que diz o museólogo Mário Chagas quando indica que a educação não-formal é "veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversas ordens, como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar a um público". Deste modo, a "aprendizagem não formal desenvolve-se de acordo com os desejos do indivíduo, em um clima especialmente concebido para se tornar agradável". Sobre a educação informal, o autor diz que "ocorre de forma espontânea na vida do dia-a-dia por meio de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais" (CHAGAS, 1993, p. 52). Enquanto a educação formal, é composta por um sistema impositivo com avaliações, presença obrigatória, sala de aula, etc.

A educação não-formal está presente nos museus de viés histórico/memória traumática como o Memorial da Resistência no Brasil e o Espacio Memoria y Derechos Humanos na Argentina. Segundo relata, Sandra P. de Jesus da Silva em sua tese de Mestrado em Museologia na Universidade Nova de Lisboa:

(...) educar é uma função prioritária, a atenção deste trabalho incide sobre uma das acções dirigidas aos públicos mais generalizada e frequente – a visita guiada. Esta acção é aqui considerada uma estratégia da educação museal e, independentemente do nível da articulação interna entre os serviços que a produz, é sempre um reflexo do investimento que o museu faz na sua função educativa. Desta forma, e precisamente porque ocupa um lugar de destaque na relação entre o museu e *os públicos, a visita guiada merece ser gerida com uma maior consciência sobre o impacto que tem entre os visitantes e no crescimento da relevância social da instituição museu*. (SILVA, 2014 p. 16. Grifo do autor).

Seja por meio de “visitas guiadas”, mediadas, oficinas, palestras e etc, a educação auxilia na comunicação e preservação dos bens culturais. Para que deste modo, através dos espaços museológicos, possamos melhorar a sociedade. Preservando assim, essas memórias traumáticas, de modo humano e respeitoso. A seguir veremos alguns aspectos do setor educativo dos dois espaços museológicos.

**Educativo dos dois museus**

Diante das inúmeras ações educativas propostas pelos dois museus, mas também diante das exigências de formatação deste artigo, escolhemos apenas algumas ações de cada espaço para apresentar brevemente.

No Memorial da Resistencia as atividades são gratuitas e elaboradas para todos os públicos. No entanto, há programas dirigidos para professores, professoras e estudantes de todos os níveis de ensino (infantil, fundamental, médio e superior). Assim como para pesquisadores e pesquisadoras, e profissionais do turismo. O museu disponibiliza as atividades e os materiais pedagógicos gratuitos, em seu site. Dentre as palestras, jogos, oficinas e etc, separamos as atividades mais interessantes e pertinentes, pela sua aproximação do público ao tema do museu.

Dentre as ações educativas encontra-se os *Sábados resistentes:*Importante espaço para o fortalecimento de valores democráticos e o exercício da cidadania, os Sábados Resistentes trazem a cada encontro diferentes convidados para debater junto ao público as histórias e memórias do período da ditadura civil-militar, relacionando-as com as lutas do tempo presente por direitos humanos, pela memória, pela verdade e pela justiça.

Além de rodas de conversa, a programação abre espaço para lançamentos de livros, projeção de filmes, leituras de peças teatrais e apresentações de grupos musicais, contando com a presença de representantes de movimentos sociais, intelectuais, militantes políticos e profissionais de universidades, entre outros (MEMORIAL, 2024).

Realizado pela primeira vez em 2008 no auditório do Memorial da Resistência, o Sábados Resistentes tornou-se parte determinante na consolidação e delineamento do programa museológico da instituição. Suas atividades foram iniciadas pelo Fórum de Ex-Presos e Perseguidos Políticos do Estado de São Paulo e, a partir de 2009, o Núcleo Memória assumiu a gestão compartilhada junto com o Memorial.

A partir de abril de 2022, os encontros aderem ao formato híbrido, sendo possível acompanhá-los presencialmente ou virtualmente através dos canais do Facebook e Youtube do Núcleo Memória e do Memorial da Resistência (MEMORIAL, 2024).

As palestras passaram a ser todas online, o que também levou pessoas de outras localidades além de São Paulo, a participarem do curso. Com o passar do tempo e divulgação, mais pessoas começaram a assistir as lives, por exemplo, a palestra transmitida virtualmente em 26/03/2022, teve 458 visualizações no Youtube, enquanto a primeira da série online, ocorrida um ano antes, no dia 27/03/2021 obteve apenas 72 visualizações (MEMORIAL, 2022).

**Imagem 3 – Capa da live Sábados Resistentes de 27/03/2021**



 Fonte: Memorial da Resistência

**Imagem 4 – Capa da live Sábados Resistentes de 27/03/2022**



 Fonte: Memorial da Resistência

Quanto às ações educativas na Argentina relacionadas ao Espacio Memoria y Derechos Humanos, observamos que igualmente traz como máxima a educação. Lá afirmam: “propomos uma pedagogia pública de memória que reflita criticamente sobre o nosso passado recente, para uma construção democrática e coletiva” (2024), e para tal pedagogia pública, eles usam ferramentas lúdicas e interativas, como veremos.

Notamos a forte presença da educação não-formal, entre passado e presente; crianças e a instituição museal; infância e memória. Bem como outra ferramenta do educativo do museu. Assim, destacamos a ação *Mural e Direitos:* “Trabalhamos os direitos das crianças através da criação de uma história e um jogo e depois fazemos um mural na escola”, essa é a definição sucinta dessa atividade, segundo o museu (ESPACIO-MEMORIA, 2024).

Aproximando arte-educação de história e memória, a instituição usa e vê a arte como um dos campos do conhecimento humano usado para entender e refletir criticamente sobre a realidade cultural histórico-social. Assim, escolheram esta expressão como uma ferramenta porque acreditam que é um processo em que as crianças colocam na mesa experiências, emoções e conhecimento anteriores, permitindo um campo de jogo onde inventar e criar, fazem parte do mundo lógico proposto. “É através da comparação de diferentes ideias que o sujeito consegue sustentar o seu próprio”, complementam.

A atividade se dá em três dias. “No primeiro dia lemos uma história com uma perspectiva sobre os direitos humanos orientados para as crianças. No segundo dia jogámos com dados gigantes para ligar uma cor com um direito e falar sobre eles. No terceiro dia pintamos o mural por toda a escola.” (ESPACIO-MEMORIA, 2024).

 Essas atividades em ambos os museus, ilustram bem a presença da educação não-formal nas instituições dos dois países. Vamos ver agora exemplos da praticidade de atividades específicas.

No Espacio Memoria, se olharmos atentamente a atividade Mural e Direitos, poderemos notar como se dá a participação das crianças. Nota-se assim, a integração entre escola (educação formal) e museu (educação-não formal) (ESPACIO-MEMORIA, 2021).

**Imagem 5 – Crianças produzindo mural na atividade**



 Fonte: Espacio-memoria, Argentina

 **Imagem 6 – Crianças produzindo mural na atividade**



 Fonte: Espacio-memoria, Argentina

É interessante pensar, que esta atividade é realizada pelo museu, mas na escola, aproximando assim o conhecimento de ambos os espaços através da arte. Segundo o Espacio Memoria “A arte é um dos campos do conhecimento humano usado para entender e refletir criticamente sobre a realidade cultural histórico-social” (2024).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após esses doze meses de pesquisa, notamos principalmente as semelhanças e diferenças entre os dois espaços museológicos pesquisados. Eles dois foram usados oficialmente como prisões, clandestinamente como locais de tortura e assassinatos, durante governos ditatoriais. Tanto um, quanto outro, foram transformados em espaços públicos de preservação de memórias traumáticas.

Em termos de educação não-formal, ambos os museus levam um conhecimento que humaniza as vítimas de ditaduras e mantém vivas suas histórias e memórias. Entretanto, no viés prático o Espacio Memoria, em Buenos Aires, tem atividades educativas voltadas para o público infantil que visita o museu com a escola. Já o Memorial da Resistência em São Paulo traz uma programação com atividades educativas voltadas para o público adulto, e sempre num viés artístico, visto que o museu recebe exposições de arte de curta duração. independentemente da aplicação, notamos a importância de educação não-formal para o melhor aproveitamento dos museus, pois a educação em espaços museológicos, é uma ferramenta que ajuda o público a ter um melhor entendimento do tema exposto e comunicado, no caso dos museus aqui contempla

Vale também citar, que o ex-ESMA, atual Espacio Memoria da Argentina, foi inscrito na lista de Patrimônios Mundiais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pois o espaço é prova do terrorismo de Estado e prova judicial nos casos de crimes contra a humanidade.

Por fim, fica explícita a importância de ambos os espaços para com a humanidade em geral, tanto para as gerações que sofreram com as ditaduras, quanto para as gerações futuras que aprenderão sobre essas memórias, com os museus. Precisamos preservar memórias, principalmente traumáticas, e dialogar com o público, mesmo o infantil, através da arte-educação, para assim, termos uma sociedade mais consciente e humana.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Marcelo Mattos et al. **O Memorial da Resistência de São Paulo e os desafios comunicacionais**. Revista Anistia Política e Justiça de Transição: Ministério da Justiça, Brasília, n. 3, jan./jun. 2010.

CALVEIRO, Pilar. **Poder e Desaparecimento**. São Paulo: Boitempo, 2013

COSTA, Andréa Fernandes. **Museu de Ciência: instrumentos científicos do passado para a educação em ciências hoje**. (Dissertação), Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGEdu. (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009.

CHAGAS, Mário. **Aprendizagem não-formal/formal das ciências. Relação entre os museus de ciência e as escolas**. Revista de Educação. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, v. 3, n. 1, p. 51-59, 1993

CHIRIO, Maud. **Formes et dynamiques des mobilisations politiques des exilés brésiliens en France (1968-1979)**. Cahiers d' Amérique Latine, 2006.

DIAS, Katia Helena Rodrigues; MICHELON, Francisca Ferreira. **Retratos de desaparecidos no Espaço de Memória e Direitos Humanos (ESMA), Argentina**. RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, 2019.

ESPACIO MEMORIA. **Propuestas educativas del ex-ESMA**. Disponível em: https://www.espaciomemoria.ar/educacion/. Acessado em: 31/05/2024

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. Título original: Las venas abiertas de America Latina. (Coleção Estudos Latino-Americanos, v.12).

GUIMARÃES, Plínio Ferreira. **Assistindo a população, combatendo o comunismo: as Ações Cívico-Sociais no contexto da ditadura militar brasileira**. Lugares Dos Historiadores: Velhos e novos desafios, p. 1-12, 2015.

HOFFMAN, Felipe Eleutério. **O museu como ferramenta de reparação: apontamentos sobre memórias do trauma, museus e direitos humanos**. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 20, n.42, p. 129 -

158, jan./abr. 2019.

INFORME "**NUNCA MÁS**" Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas (CONADEP) - Argentina. Disponível em: https://www.derechoshumanos.net/lesahumanidad/informes/argentina/informe-de-la-CONADEP-Nunca-mas-Indice.htm#C1

MEMORIAL, da Resistência de São Paulo. **Atividades - Curso Intensivo de Educação em Direitos Humanos: Memória e Cidadania**. Disponível em: memorialdaresistenciasp.org.br/atividades/curso. Acessado 23/05/2024.

MOURA, Eduardo. J. S. **Des/obediência docente na de/colonialidade da arte/educação na América Latina**. Revista GEARTE, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92905. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92905.

NEVES, Kátia R. Felipini. **A potencialidade dos lugares da memória sob uma perspectiva museológica processual: um estudo de caso–O memorial da resistência de São Paulo**. Master’s degree in Museology, Universidade Lus ofona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2011.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PRIORI, Angelo. **Golpe Militar na Argentina: apontamentos históricos**. Revista Espaço Acadêmico, ano V, n. 59, 2006.

SILVA, A. Sonia. da; BRAGA, V. L. **Memorial da Resistência: um instrumento de políticas de memória, de educação em direitos humanos e de luta contra o esquecimento**. Revista Gestão & Políticas Públicas, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 101-122, 2019. DOI: 10.11606/issn.2237-1095.v9p101-122. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/176278. Acesso em: 12/10/2023.

SILVA, Alessandra Dahya Henrique da. **A educação em museus sob o olhar do Comitê de Educação e Ação Cultural (CECA-Brasil)**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2014. https://www.unirio.br/ppg-pmus/copy3\_of\_alessandra\_dahya\_henrique\_da\_silva.pdf

SILVA, Lucas Begnami Bueno da. **A tortura exercida no DOI-Codi durante 1968-1975 e seu viés político**. Universidade Federal Fluminense. 2016.

SOBRE MORTOS, Comissão Especial; **Desaparecidos políticos**. Brasil, Direito à Memória e à Verdade. 2007.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Educação e Museus: a dimensão educativa do museu**. MCT, Rio de Janeiro, V. 01, p. 83 - 86, 2009

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da <Fundação Araucária/SETI, >, por meio de bolsa concedida ao estudante < Maxwel Moreira Matoso >. [↑](#footnote-ref-1)